

ENTREVISTA

Sagas Islandesas

Realizada por Johnni Langer e Álvaro A. Bragança Júnior com
Prof. Dr. Rudolf Simek

Ältere Germanistik mit Einschluß des Nordischen
Universidade de Bonn, Alemanha
simek@uni-bonn.de

Principais obras publicadas:

- *Lexikon der germanischen Mythologie*, Stuttgart 1984
- *Lexikon der altnordischen Literatur* (with Hermann Pálsson), Stuttgart, 1987
- *Altnordische Kosmographie. Studien und Quellen zu Weltbild und Weltbeschreibung in Norwegen und Island*. Berlin/New York, 1990
- *Erde und Kosmos im Mittelalter*. München, 1992. *Die Wikinger*, München, 1998
- *Religion und Mythologie der Germanen*, Stuttgart, 2003
- *Götter und Kulte der Germanen*, München 2004
- *Runes, Magic and Religion: A Sourcebook* (with John McKinnel und Klaus Düwel), Wien, 2004
- *Mittelerde – Tolkien und die germanische Mythologie*, München, 2005 *Die Germanen*, Stuttgart, 2006

Johnni Langer (JL): *Em 2003 você publicou a coletânea Runes, Magic and Religion: a sourcebook, conjuntamente com McKinnel e Duwell. O estudo das runas é uma área polêmica, onde geralmente os especialistas tendem a perceber mais as evidências em torno dos aspectos de escrita, memória e epigrafia, relegando os aspectos mágicos ao segundo plano (como Raymond Page e Alain Marez). Recentemente, a pesquisadora Mindy MacLacloed (Bandrúnir in icelandic sagas, 2003), considerou que os registros de uso mágico rúnico na Egils saga, Bósa saga e no poema éddico Skírnismál são artificiais, anacrônicos e interpolações tardias da literatura, não servindo para o estudo das práticas religiosas arcaicas. Em sua opinião, esses referenciais tem validade? Os pesquisadores não estariam omitindo no estudo das runas o importante referencial da audiência e do imaginário, que poderia revelar uma efetiva interpretação mágica na caracterização destes sinais ideográficos, principalmente para a grande maioria da população escandinava, que efetivamente não conseguia ler as inscrições rúnicas ainda durante a Era Viking (mesmo as que continham textos sem nenhum teor religioso ou mágico, a exemplo de runestones relacionadas a propriedades e viagens, dispostas em áreas públicas)?*

Rudolf Simek (RS): Com respeito a isso dou razão a Mindy Macleod, pelo fato dos testemunhos das sagas NADA terem a ver com a práxis religiosa dos tempos pagãos (ou seja, da primeira metade da Era Viking). Contudo, esses textos nos dizem bastante acerca das projeções que se tinha na Idade Média cristã sobre a utilização das runas.

No tocante às pedras rúnicas poder-se-ia perguntar, se existem pedras (tumulares) rúnicas sem referência religiosa, pois também os túmulos nos expressam algo acerca do credo em uma vida posterior (na fama posterior) e em especial em lugares públicos.

J.L.: *As sagas islandesas são uma das principais fontes para o estudo da religiosidade na Escandinávia da Era Viking. Atualmente, podemos perceber três importantes tendências teóricas neste tema: A: a posição que considera os deuses ases como uma invenção da aristocracia, sendo o paganismo popular mais preocupado com os deuses vanes e cultos à fertilidade (Alexandra Sanmark, 2004); B: o único paganismo a que podemos ter acesso pelas fontes é o tardio, que recebeu influência do cristianismo ainda no período oral e antes de desaparecer (portanto, as referências cristãs nas fontes não são interpolações posteriores ao advento da escrita latina no mundo nórdico, mas advém diretamente da tradição ainda pagã, conforme Preben Sørensen e John Mckinell); C: O paganismo foi dinâmico, regionalizado e com fortes influências do xamanismo lapão e da área circumpolar (Thomas Dubois, Neil Price). Como você considera estas perspectivas, especialmente relacionadas mais diretamente com o estudo das sagas islandesas.*

R.S.: Somente posso concordar com “B”, pois “A” é um completo absurdo, especialmente porque não se pode evidenciar o credo em uma família distinta dos Vanes. No caso de “C” alguns elementos estão corretos, porém não eram dominantes, pois os pontos em comum entre a religião dos germanos do norte com a religião dos germanos do sul e do oeste foram mais importantes.

J.L.: *Em seu estudo para a coletânea Les Vikings, premiers européens (L'émergence de l'Âge Viking: circonstances et conditions, 2005), você questiona as duas mais tradicionais teorias das causas da expansão nórdica, a fome e a superpopulação, buscando na conjugação de três fatores uma explicação mais plausível: o técnico, o estratégico e os valores religiosos-sociais. De que forma o estudo das sagas islandesas contribuiu para você chegar a esse panorama teórico? Houve a eleição de alguma saga em especial?*

R.S.: Não podemos depreender quase NADA com relação às causas da Era Viking. Temos que reconstruí-la a partir das fontes dos séculos VIII e IX, não as dos séculos XIII e XIV. Eu expressamente não considero as sagas como fontes históricas, mas sim como obras artísticas da literatura da Baixa Idade Média.

J.L.: *Tanto nas Eddas quanto nas sagas islandesas ocorre uma grande recorrência ao número 3 (associado ao culto do deus Óðinn) e ao 12 (relacionado aos berseker). O número 3 também surge em imagens da Era Viking, como nos símbolos tripartidos do valknut e triqueta. Nos dois primeiros casos, poderia ser um reforço à teoria da tripartição de Georges Dumézil, ou no caso das fontes literárias, apenas clichês? Ou poderiam ser elementos reforçadores da trindade cristã (ou da ideologia das três ordens, popularizada a partir do século XI entre os ideólogos da Igreja) e dos 12 apóstolos, no momento da preservação das narrativas pelos manuscritos?*

R.S.: No que diz respeito ao número três pode ser conotado não somente como arquetípico como também pagão (e naturalmente também cristão). No caso do doze eu suporia uma influência cristã (mas nem sempre: a maioria com 12 anos é seguramente mais antiga). O único número germânico realmente “sagrado” era, porém, o nove. Sobre a teoria de Dumézil afastei-me, entretanto, mais uma vez, porque ela não

é completamente sustentável, mesmo que a mesma nos tenha fornecido por um certo tempo um bom suporte auxiliar.

J.L.: *Atualmente, nos estudos das Islendingasögur, os pesquisadores vêm questionando a noção de autoria, estabelecidas após o Renascimento e a interferência das identidades sociais da Islândia no momento da preservação manuscrita. Por sua vez, na pesquisa das Fornaldarsögur, tradicionalmente relegadas em segundo plano, importantes questões da relação entre literatura e ideologia nas sagas (valores éticos, sexuais, políticos, entre outros), vêm sendo valorizadas. Também para outros tipos de sagas, a questão da relação entre oralidade e letramento e a identificação de temas de um passado oral nos textos, também estão sendo muito importantes. Como você percebe essas novas abordagens no estudo das fontes islandesas, especialmente se considerarmos as tradições acadêmicas dos séculos XIX e XX.*

R.S.: Considero a questão sobre a oralidade: como, quanto, que parte, quais formas? Como antiquada. A questão relevante é sobre o pano de fundo intelectual, da formação e da erudição dos autores – o material histórico eu considero secundário, vago e não confiável.

Álvaro Bragança (A.B.): *Como você avalia a atual situação dos estudos escandinavísticos nas universidades de língua alemã? Encontram-se ainda jovens qualificados na área de pesquisa em Antiga Literatura Nórdica?*

R.S.: Sempre se encontra uma nova geração qualificada, todavia as vagas são cada vez menores e, com isso, as chances de se manter a nova geração acadêmica nas universidades. Do mesmo modo, o fomento de projetos torna-se cada vez menor, no que as Ciências Humanas, apesar de todas as promessas políticas, morrem de fome em favor das chamadas Ciências Sociais e Ciências Físicas e Naturais.

A.B.: *Hoje em dia são vistas muitas apropriações entre os círculos religiosos alternativos de antigos „cultos germânicos“, os quais, por exemplo, se orientam pelos estudos rúnicos ou em fontes textuais. Filmes, obras literárias e outras manifestações artísticas contribuem para um “reavivamento” dos mitos e símbolos nórdicos. Em que medida você considera esse “revival” como cientificamente digno de valor?*

R.S.: Eu não diria “cientificamente” digno de valor, mas talvez digno de valor artístico? Na verdade, eu penso menos em “tentativas de reavivamento religioso”, porém sou de opinião de que a mitologia nórdica deveria pertencer ao nosso patrimônio cultural comum da Europa da mesma forma que a grega ou romana!

A.B.: *No século XXI, na época da globalização, talvez se tenha a impressão de que tudo gire ao redor da economia de mercado. De acordo com a sua opinião, ainda há espaço, lugar e razões suficientes para a conservação e existência da antiga literatura nórdica das sagas em uma sociedade de consumo moderna?*

R.S.: Sim, sem dúvida, porque exatamente no presente muitas pessoas querem se desviar de uma sociedade globalizada e tortuosa, baseada em dinheiro e cobiça, e procuram refúgio em um passado (fictício) mais são – seja na Idade Média, na Era Viking ou na Antiguidade germânica. Neste ponto, nossos mundos das sagas oferecem um meio de identificação usado a gosto.

Professor Simek, em nome da Revista **Brathair**, agradecemos por essa entrevista!